

Promessa de Vida¹

“*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”

(João 10,10)

25 de fevereiro, Quarta-Feira de Cinzas, 1998

Fr. Timothy Radcliffe O.P.

Quando São Domingos entregava o hábito aos irmãos, prometia-lhes “o pão da vida e a água do céu”². Se queremos ser pregadores de uma palavra de vida, temos de encontrar o “pão da vida” em nossas comunidades. Elas nos ajudam a florescer ou meramente a sobreviver?

Logo depois que eu ingressei na Ordem, o então Mestre da Ordem, Fr. Aniceto Fernández, visitou minha Província. Fez-me apenas uma pergunta, a pergunta clássica de todos os visitantes: “Você está feliz?”. Eu esperava uma questão mais profunda, por exemplo: sobre a pregação do Evangelho ou sobre os desafios que a Província tinha de enfrentar. Mas agora me dou conta de que é exatamente esta a primeira coisa que devemos perguntar aos nossos irmãos: “Você está feliz?”. Há uma felicidade que consiste em que tenhamos vitalidade sendo dominicanos; essa é a fonte da nossa evangelização. Não se trata de um entusiasmo sem fim, de uma cordialidade implacável. A felicidade implica uma capacidade de sofrer. Pode ser que ela se ausente por um tempo, talvez por um longo tempo. É uma pequenina degustação daquela abundância de vida que nós pregamos, é a alegria de quem começou a participar da própria vida de Deus. Deveríamos ter a capacidade de se regozijar por sermos filhos do Reino. “O gozo é o caráter intrínseco da vida bem-aventurada e da vida que, por dom do Espírito Santo, caminha para a santidade”³. Quando entoamos nosso canto a São Domingos, terminamos dizendo: *Nos junte beatis*, isto é, “uni-nos aos bem-aventurados”. Que possamos saborear desde já um pouco da felicidade deles.

Se queremos construir comunidades em que haja abundância de vida, então devemos reconhecer quem nós somos e o que somos, e o que significa para nós estar vivos, como homens e mulheres que são irmãos e irmãs, e como missionários. Nós não somos anjos. Somos seres que têm paixões, animais movidos por desejos de alimento e de cópula. Essa é a natureza que o Verbo da vida assumiu quando abraçou a natureza humana. Não podemos fazer menos do que isso. É desse ponto que parte a jornada rumo à santidade.

Mas nós fomos criados por Deus à sua imagem, destinados à amizade de Deus. Cada um de nós é *capax Dei*, e temos fome de Deus. Estar vivos é embarcar nessa aventura que nos conduz ao Reino. Precisamos de comunidades que nos

¹ Tradução do espanhol: *Noviços Dominicanos*, 2022: Frei Jaynoã Fernando Silva Lopes, frei José Andeson Lima da Silva, frei Gregório-Henrique Pinho Chiozzotto.

² STEPHEN DE SALAGNAC, 1.9, ed. Thomas Kaeppli OP, MOPH XXII, (Roma 1949), p. 81

³ C. ERNST, OP, *The Theology of Grace*, (Dublín 1974), p.72

deem sustentação nesse caminho. O Senhor prometeu: “Tirarei de vosso peito o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne” (Ezequiel 36, 26). Precisamos de irmãos e irmãs que estejam conosco enquanto nossos corações são quebrantados e abrandados.

Todos os sábios sempre souberam que não há modo de viver que não leve o homem a atravessar o deserto. A jornada do Egito à Terra Prometida passa pelo deserto. Se fôssemos felizes e estivéssemos verdadeiramente vivos, deveríamos passar também por esse caminho. Precisamos de comunidades que nos acompanhem nessa travessia, que nos ajudem a crer que, quando o Senhor leva Israel ao deserto, é para “falar-lhe ao coração” (Oseias 2, 16). Talvez, muitos irmãos e irmãs tenham abandonado a vida religiosa nos últimos trinta anos, não por ser um pouco mais dura do que antes, mas sim porque às vezes perdemos de vista que essas noites escuras fazem parte de nosso renascimento como povo que está vivo com a alegria do Reino. Então, nossas comunidades não deveriam ser lugares nos quais nós meramente sobrevivemos, mas lugares onde encontramos alimento para a jornada.

Para usar uma metáfora que desenvolvi noutro lugar⁴, comunidades religiosas são como sistemas ecológicos, concebidos para manter formas pouco comuns de vida. Um espécime raro de rã precisará de seu ecossistema próprio para florescer e trilhar seu imprevisível caminho que a transforma de ova em girino e, depois, em rã. Se a rã está em perigo de extinção, então alguém tem de criar um ambiente em que haja seu alimento próprio, e poças e um clima no qual ela possa desenvolver-se. A vida dominicana também requer seu próprio ecossistema, se quisermos viver em plenitude e pregar palavras de vida. Não basta falar sobre isso; nós temos que planejar diligentemente e construir cada ecossistema dominicano.

Em primeiro lugar, isso é responsabilidade de cada comunidade. Compete aos irmãos e irmãs que vivem juntos criar comunidades nas quais possamos não só sobreviver, mas florescer, oferecendo uns aos outros “o pão da vida e a água do céu”. Esse é o propósito fundamental do “projeto comunitário” proposto pelos três últimos Capítulos Gerais. Mas só terá êxito se nos ativermos a falar mutuamente sobre o que nos causa os impactos mais profundos como seres humanos e como dominicanos. Espero que essa carta à Ordem enseje uma discussão sobre alguns aspectos da nossa vida dominicana. Penso na vida apostólica, na vida afetiva e na vida de oração. Não se trata de três partes de cada vida (vida contemplativa das 07:00 às 07:30 da manhã; vida apostólica das 09:00 às 17:00; e a vida afetiva?). As três fazem parte da plenitude de toda vida verdadeiramente humana e dominicana. Nicodemos se perguntava: “como alguém pode renascer?”. Esse também é um problema nosso: como nos podemos ajudar mutuamente enquanto enfrentamos a transformação para nos tornarmos apóstolos da vida?

⁴ T. RADCLIFFE *La Identidad del religioso hoy*, Discurso a la Conferencia de Superiores Mayores de los Estados Unidos, 1996.

Nem todas as comunidades serão capazes de se renovar por si mesmas e de conseguir o ideal vislumbrado por nossas *Constituições* e pelos recentes Capítulos Gerais. Por isso, todas e cada uma das Províncias devem propor um plano de renovação gradual das comunidades, para que os irmãos que nelas vivem possam nelas florescer. E só para essas comunidades é que os irmãos jovens deveriam ser designados, eles que são os portadores da semente do futuro da vida dominicana. As Províncias morrerão, se não planejarem a construção de tais comunidades. Uma Província em que haja três comunidades onde os irmãos progridam em sua vida dominicana tem futuro, com a graça de Deus. Porém, uma em que haja vinte comunidades onde apenas se sobrevive, não o terá.

1. A vida apostólica

1.1 Uma vida de desprendimento

A vida dominicana é, em primeiro lugar, apostólica. Mas isso facilmente poderia dar a entender que um bom dominicano tem que estar sempre ocupado, dedicado a mil “apostolados”. Não. A vida apostólica não é tanto o que fazemos, mas o que somos, isto é, somos chamados a “viver a vida dos apóstolos segundo o modo idealizado por São Domingos”⁵. Quando Diego se encontra com os legados cistercienses que tinham sido enviados para pregar aos albigenses, diz-lhes: “Ide com humildade, seguindo o exemplo de nosso amoroso Mestre, ensinando e agindo, viajando a pé, sem prata nem ouro, imitando em tudo a vida dos apóstolos”⁶. Ser apóstolo significa ter uma vida, não um emprego.

E a primeira característica dessa vida apostólica consiste em ser uma participação na vida do Senhor. Os apóstolos são aqueles que andaram com o Senhor durante “todo o tempo que o Senhor Jesus conviveu conosco” (Atos 1, 21). Foram chamados por Ele, caminharam com Ele, escutaram-n’O, descansaram e rezaram com Ele, dialogaram com Ele, e foram enviados por Ele. Compartilharam a vida de alguém que é Emmanuel, “Deus conosco”. O ápice dessa vida teve lugar na Última Ceia: é o sacramento do pão da vida, conquanto um deles tenha saído rapidamente, porque tinha muito a fazer.

Para nós, a vida apostólica é mais que os diferentes apostolados que fazemos. É um modo de viver. Falando da pregação, Yves Congar O.P. escreveu: “é uma vocação que é a substância da minha vida e do meu ser”⁷. Se as exigências do apostolado nos impedem de rezar e de comer com os nossos irmãos a fim de, por mais ocupados que estejamos, partilhar de sua vida, não seremos apóstolos no sentido pleno dessa palavra. Mestre Eckhart escreveu: “As pessoas não deveriam preocupar-se tanto com o que fazem, mas com o que deveriam ser. Se somos bons

⁵ Constitución Fundamental, IV.

⁶ Cernai 21, citado por S.Tugwell, ed. Dominic (Londres 1977), p. 125.

⁷ Y. CONGAR, "What is my licence to say what I say", en Dominican Ashram 1982, p. 10.

e se nossos costumes também o são, estaremos radiantes”⁸. Domingos foi um pregador com todo o seu ser.

Mas essa vida apostólica cria tensões em nosso interior. É o preço e a fonte da sua fertilidade. Porque a Palavra de Deus, de cuja vida os apóstolos partilham, se estende e abraça tudo o que está mais afastado d’Ela. Segundo Eckhart, a Palavra continua unida ao Pai ao mesmo tempo que transborda por sobre o mundo. Nada humano lhe é alheio. A vida de Deus se estende e se abre para encontrar algum vazio em tudo o que somos; faz-se semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Toma sobre si nossas dúvidas e temores, entra em nossa experiência do absurdo, nesse deserto em que nada tem sentido.

Viver plenamente a vida apostólica significa, pois, descobrir que também nós estamos interiormente em intempérie, em tensão de dentro para fora. Ser pregador não significar somente falar de Deus ao povo, mas assumir em nossas vidas a distância que existe entre a vida de Deus e a vida mais afastada, alienada e ferida. Só teremos uma palavra de esperança se vislumbrarmos desde o interior as penas e desesperanças daqueles a quem pregamos. Não teremos palavras de compaixão a não ser que, de certo modo, vivamos seus fracassos e tentações como se fossem nossos. Não teremos uma palavra que possa oferecer algum significado para a vida do povo se não tivermos, antes, sido tocados pelas suas dúvidas e vislumbrado o abismo. Penso em alguns dos meus irmãos franceses que, depois de ter passado o dia ensinando teologia e pesquisando, saem pelas calçadas à noite para se encontrar com as prostitutas, para escutar suas aflições e sofrimentos, e para lhes dar uma palavra de esperança. Não é de estranhar que nós, os dominicanos, hajamos tido uma má reputação desde o começo! É um risco da vocação. No séc. XIV, Jordão de Rivalto pede ao povo que não seja duro com os frades se eles estiverem um pouco “sujos”. Faz parte de nossa vocação: “Estando em meio ao povo, vendo as coisas do mundo, é impossível que não estejam um pouco sujos. São homens de carne e sangue, como vós sois, e no frescor da juventude; surpreendente é que estejam assim tão limpos. Este lugar não é para monges!”⁹

A vida apostólica não nos consegue um “estilo de vida” equilibrado e saudável com perspectivas de uma boa carreira, porque nos desequilibra, nos inclina em direção a algo completamente diferente. Se participarmos assim da vida do Verbo de Deus, esvaziar-nos-emos de nós mesmos, dilatar-nos-emos até conseguir espaço e silêncio, para que nasça uma palavra nova, como se fosse pela primeira vez. Somos povo de fé, que se empenha profundamente em abrir o coração daqueles que não creem. Às vezes, nós mesmos não estaremos seguros do que tudo isso significa. Somos como os apóstolos, que foram chamados por Cristo e que caminharam com ele para Jerusalém, sabendo que só Ele tinha

⁸ M. ECKHART, *Die deutsche Predigten und lateinischen Werke* (Stuttgart 1936), vol V, p. 197.

⁹ G. DA RIVALTO, *Prediche del b. Fra Giordano da Rivalto*, ed. de A.M.Bisconi e D.M.Manni (Firenze 1739), p.9.

palavras de vida eterna; mas discutiam sobre quem era o mais importante, e muitas vezes não tinham sequer ideia de para onde estavam caminhando.

A vida apostólica nos convida a viver uma tensão. Prometemos construir nossas vidas junto com nossos irmãos e irmãs dominicanos. “Para nós, ser humano, sermos nós mesmos significa ser um irmão pregador, nossa vida não tem outra história”¹⁰. Essa é nossa casa, não temos outra. Mas o impulso da vida apostólica nos leva para mundos diferentes. Levou muitos de nossos irmãos ao mundo das indústrias, das fábricas e dos sindicatos. A outros, leva às universidades. Leva-nos ao mundo cibernético da Internet. Um novo projeto dos dominicanos franceses, *Jubilatio*, nos leva ao mundo da juventude. Um projeto no Benim nos leva ao mundo da agricultura ecológica. Estamos presentes no mundo do Islã e do Judaísmo. Essa tensão pode nos dilacerar, porque a única vida que temos não é construída nem planejada por nós, mas recebemo-la como um dom de cada dia, o “pão da vida” prometido por São Domingos.

1.2 O trabalho na sociedade contemporânea

Mas, em nossa sociedade contemporânea, essa tensão pode facilmente tornar-se divisão. Podemos chegar a ser pessoas com vida dupla, a vida como dominicanos em nossa comunidade e a vida em nosso apostolado. Isso se deve ao modo como hoje se entende o trabalho. Contudo, se isso chega a acontecer em nós, então se quebra a bela, dolorosa e fértil tensão que existe no próprio coração da vida apostólica, e podemos ser simplesmente como pessoas que têm um emprego e que toda noite voltam para o hotel da comunidade. Vejamos por que esse é um desafio bem especial que temos de enfrentar hoje.

a) A fragmentação das nossas vidas

A sociedade ocidental contemporânea fragmenta a vida. Os dias da semana se separam do fim de semana; o trabalho, do tempo livre; a vida de trabalho, da aposentadoria, ao menos para os que têm a sorte de ter um trabalho. É possível ser professor de história durante o dia, padre à noite e cristão aos domingos. Essa fragmentação pode tornar-nos difícil ter uma vida unificada e total. Os dominicanos pregam de maneiras quase infinitamente variadas. Somos párocos e professores, assistentes sociais e capelães universitários, poetas e pintores. Como vivemos esses apostolados como frades, membros das nossas comunidades, irmãos e irmãs consagrados? Lembro-me de que me impressionou muito uma conversa com um jovem jornalista dominicano que me expunha as dificuldades de viver no mundo dos meios de comunicação social. Durante o dia, vivia num mundo com seus próprios pressupostos morais e seu “estilo de vida”, e à noite voltava para a sua comunidade religiosa. Como podia ser religioso e jornalista

¹⁰ H. McCABE, OP, *God Matters*, (Londres 1987), "On being Dominican" p. 240.

numa só pessoa? À noite, quando voltamos à nossa comunidade, queremos esquecer das agruras do dia, como qualquer outro. O que fazemos no trabalho é “outra vida”.

b) A profissionalização do trabalho

Profissionaliza-se cada vez mais o trabalho. Para a pregação do Evangelho, muitas vezes nos tornamos profissionais qualificados. Pode-se obter um diploma em pregação ou um doutorado em estudos pastorais. Nenhum dos que foram chamados por Jesus era graduado em “apostolado”! Não há nada de mau nessa profissionalização. Temos que ser tão qualificados e profissionais quanto aqueles com os quais trabalhamos. Mas, ainda assim, devemos estar conscientes das seduções que há em ser um “profissional”. Isso confere um status e uma posição. Dá um posto numa sociedade estratificada. Dá identidade e nos convida a um estilo de vida. Podemos trazer um salário para a comunidade. Como este doutor, professor, pároco pode ser um mendicante, um irmão ou uma irmã itinerante? Porventura nossa profissão nos obriga a passar por uma vereda estreita cuja única meta é a promoção? Deixa-nos livres para responder a pedidos inesperados de nossos irmãos e de Deus?

c) A ética do trabalho

Finalmente, na sociedade ocidental, triunfou a ética do trabalho. É isto que justifica a nossa existência: a salvação pelo trabalho. Os que não trabalham estão excluídos do Reino. Seja o que for que preguemos, não há dúvida de que o ativismo febril que encontramos tão frequentemente na Ordem pode sugerir que, às vezes, também nós cremos que nos podemos salvar pelo que fazemos. Nós exaltamos São Domingos como *Predicator gratiae* (“pregador da graça”). Mas, conquanto preguemos que a salvação é um dom, temos vivido assim? Vivemos como quem crê que a vida, a plenitude de vida, é um dom? Olhamos assim para os nossos irmãos? Há competição entre nós para demonstrar quão ocupados estamos e, por conseguinte, quão importantes somos?

1.3 O deserto da falta de sentido

Assim, ser pregador significa viver a vida em intempérie. De certo modo, temos que participar do Êxodo da Palavra de Deus, que sai do Pai para assumir o humano por inteiro. Às vezes, esse Êxodo pode levar-nos ao deserto, sem que esteja aparente algum caminho rumo à Terra Prometida. Podemos ser como Jó, que proclama que seu Redentor vive, mesmo sentado sobre um monte de esterco. Porém, às vezes, simplesmente nos limitamos a sentar num monte de esterco. Se nos deixarmos tocar pelas dúvidas e crenças de nossos contemporâneos, podemos-

nos encontrar em um deserto onde o Evangelho já não tem sentido algum. “Ele fechou meu caminho” (Jó 19, 8).

A crise fundamental da nossa sociedade talvez seja uma crise de sentido. A violência, a corrupção e a drogadição são sintomas de uma enfermidade mais profunda, que é a fome de um sentido para nossa existência humana. Para que nos tornemos pregadores, Deus pode-nos levar a esse deserto. E ali nossas antigas certezas serão colapsadas, e o Deus que conhecemos e amamos desaparecerá. E, então, talvez tenhamos de participar da noite escura do Getsêmani, na qual tudo parece absurdo e sem sentido, e o Pai parece estar ausente. E, contudo, só se nos deixarmos conduzir por ali, onde nada mais tem sentido, poderemos ouvir a palavra de graça que Deus oferece ao nosso tempo:

A graça se faz presente quando passamos, através do desespero, para uma afirmação de louvor.¹¹

Frente ao vazio, podemos cair na tentação de querer preenchê-lo com lugares-comuns cridos pela metade, como substitutos do Deus vivo. O fundamentalismo, que hoje vemos tão frequente na Igreja, talvez seja a reação assustada de pessoas que estiveram à beira desse deserto, mas que não se atreveram a sofrê-lo. O deserto é um lugar de silêncio aterrador e podemos tentar asfixiar esse silêncio repetindo velhas fórmulas com uma sinceridade terrível. Mas o Senhor nos leva ao deserto para nos mostrar sua glória. Por isso, Mestre Eckhart diz: “Mantém-te firme e não vaciles em teu vazio”¹².

1.4 Comunidades de vida apostólica

Como nossas comunidades podem-nos apoiar nessa vida apostólica? Como podemos-nos sustentar mutuamente quando um irmão ou irmã se encontrar nesse deserto onde absolutamente nada mais tem sentido?

a) O apóstolo é o enviado. Os apóstolos não foram procurar um emprego! Nós entregamos as nossas vidas à Ordem para poder ser enviados à sua missão. Na maior parte das comunidades dominicanas, há um ritmo regular de sair de manhã e voltar à noite. Mas não é exatamente para trabalhar que nós saímos, tal como o poderia fazer um profissional que sai de sua casa. É a comunidade que nos envia. E “quando os apóstolos regressaram, contaram-lhe tudo quanto tinham feito” (Lucas 9, 10). Quando nossos irmãos retornam para casa à tarde, escutamos o que eles fizeram durante o dia? Damos-lhes a oportunidade de compartilharem conosco os desafios que encontram em seus apostolados? É por eles, da parte deles, representando-os que nós estamos na paróquia ou na sala de aula. A comunidade está aqui presente, nesse irmão ou irmã.

¹¹ C. ERNST, op.cit, p.72.

¹² ECKHART, Sermons and Treatises, trad. M O'C Walshe vol. 1, (Londres 1979), p.44..

Como as orações que compartilhamos de manhã e à tarde podem não apenas ser o cumprimento comum de uma obrigação, mas uma parte do ritmo da comunidade que envia seus membros e os recebe de volta? Rezamos *por* e *com* nossos irmãos em seus apostolados? Se não é assim, como se pode chamar de apostólica a nossa comunidade? Pode tornar-se exatamente um hotel.

O Capítulo Geral de Caleruega deu excelentes e claras sugestões sobre como nossas comunidades podem planejar e avaliar a missão comum de cada uma delas, de modo que os irmãos progridam no verdadeiro sentido de colaboração. Exorto firmemente todas as comunidades a que executem essas recomendações (nº. 44).

b) Em nossas comunidades, devemos ser capazes de compartilhar nossa fé e nossas dúvidas. Para a maior parte de nós, especialmente para muitos dos que hoje entram na Ordem, não basta recitar juntos os salmos. É necessário que compartilhemos a fé que nos trouxe à Ordem e que nos mantém hoje. Esse é o fundamento da nossa fraternidade. Talvez não possamos fazê-lo sem titubeios, sem timidez, mesmo assim podemos oferecer aos nossos irmãos e irmãs “o pão da vida e a água do céu”. Os Capítulos Gerais frequentemente recomendam que se pregue em todas as liturgias públicas. Não é só porque somos uma Ordem de Pregadores, mas também para que possamos compartilhar mutuamente a nossa fé.

Também devemos ser capazes de compartilhar nossas dúvidas. É sobretudo quando o irmão entra nesse deserto onde nada mais tem sentido que devemos deixar que ele fale. Temos que respeitar suas lutas e jamais reprimi-lo. Se um irmão decidir compartilhar esses momentos de escuridão e de incompreensão, e nós nos atrevermos a escutá-lo, pode ser que esse seja o melhor presente que ele já recebeu. O Senhor pode levar um irmão à noite escura do Getsêmani. Poderíamos nós ir dormir enquanto ele está sofrendo? Nada une uma comunidade mais intimamente do que uma fé que lutamos para conseguir juntos. Pode ser numa faculdade teológica ou num bairro pobre da América Latina. Esforçando-nos juntos para dar o sentido de quem somos e a que somos chamados à luz do Evangelho, certamente nos surpreenderemos assombrosamente com o Deus que é sempre novo e totalmente inesperado. Podemos até nos surpreender ao encontrarmo-nos e descobrirmo-nos mutuamente, como se fosse pela primeira vez.

2. A vida afetiva

2.1 Nisto consiste o amor

“Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos tenha amado e nos tenha enviado seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Queridos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1 João 4, 10).

Toda vida apostólica é uma participação desse amor redentor de Deus pela humanidade. Se não fosse assim, nossa pregação seria, na melhor das hipóteses, qual um emprego e, na pior delas, qual um exercício de manipulação dos outros, de propaganda de uma ideologia. Talvez em alguns países as igrejas estejam vazias porque a pregação do Evangelho é vista como um exercício de controle antes que como a expressão do amor ilimitado de Deus. Assim, estar vivos, abundantemente vivos, como pregadores significa descobrir como amar retamente. “*Ma vocation c’est l’amour*”¹³ – Minha vocação é o amor.

Mas poderíamos dizê-lo de outro modo. Para nós dominicanos, aprender a amar é inseparável de nos prendermos ao mistério da redenção da humanidade, realizada por Deus. Essa é a nossa escola de amor. Atualmente, os formadores religiosos de todo o mundo estão começando a enfrentar a questão da “afetividade”, palavra que não me agrada. Como podemos formar aqueles que vêm à Ordem para poderem amar reta e plenamente sendo religiosos castos? A maior parte de nós teve pouca ou nenhuma formação para enfrentar nossas emoções, nossa sexualidade, nossa fome de amar e ser amados. Eu não me lembro de ter jamais recebido uma formação nesse campo. Considerava-se que supostamente já a tínhamos, ou talvez se esperasse ansiosamente que uma boa corrida ou um banho de água fria poderia resolver o “problema”. Infelizmente, eu nem posso correr nem gosto de banho de água fria!

Nessa carta, não falarei das questões específicas relativas à formação e à afetividade, porque espero que logo haja uma carta da Ordem sobre o tema da formação. Direi tão somente isto. Não basta esperar que tudo ficará bem se recrutarmos jovens homens e mulheres bem equilibrados, livres de desordens emotivas óbvias. Os jovens bem equilibrados seriam capazes de dar sua vida por seus amigos? Deixariam as noventa e nove ovelhas para ir em busca da que está perdida? Comeriam e beberiam com prostitutas e pecadores? Receio que eles possam ser demasiado sensatos para isso. Comentando o Evangelho de São João, Agostinho escreveu assim: “Dá-me um coração que ame, e ele sentirá o que eu digo”¹⁴. É possível que só os que são capazes de amar possam compreender a paixão da vida apostólica. Se não nos deixarmos envolver na onda desse amor imenso, todas as nossas tentativas de ser castos podem terminar sendo exercício de controle. Poderemos ter êxito, mas há o risco de trazer um grande dano para nós mesmos. Podemos falhar, e há o risco de levar um dano terrível a outros. Por isso, se o nosso impulso apostólico e a nossa capacidade de amar não estiverem profundamente integrados, terminarão sendo objeto de controle dos outros ou de nós mesmos. Ocorre que Jesus renunciou ao controle da sua vida e a colocou em nossas mãos.

¹³ St. THÉRÈSE DE LISIEUX, *Manuscrits autobiographiques*, Paris, p. 226.

¹⁴ AGUSTÍN, *Comentarios al evangelio de San Juan*, 26, ed. De T. Prieto, OSA (Madrid, BAC, 1960), n. 139, p. 661.

2.2 “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (João 15, 13)

Amar a humanidade pode ser assaz digno de admiração, mas isso pode parecer um substituto pálido e abstrato do amor profundo e pessoal pelo qual algumas vezes suspiramos. É realmente o bastante? Podemos sentir isso sobretudo na sociedade contemporânea, na qual o modelo dominante de amor é o amor sexual apaixonado entre um homem e uma mulher. Uma vez que sentimos essa urgência de amar, porventura nos podemos sentir satisfeitos apenas com amar a humanidade?

Esse amor apaixonado, esponsal, certamente é uma necessidade humana profunda, e sobre isso falarei mais adiante. Pode também ser uma imagem da nossa relação com Deus, por exemplo: nos comentários medievais sobre o Cântico dos Cânticos. Mas há outra tradição complementar, que talvez seja mais tipicamente dominicana. Ela está no coração do Evangelho de João: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos”. O mistério do amor se parece com alguém que dá sua vida por seus amigos. Temos um amor profundamente apaixonado na relação de Jesus com seus discípulos, com as prostitutas e os publicanos, com os enfermos e leprosos, até com os fariseus. É uma paixão que encontra sua última expressão na paixão que O leva ao Gólgota. Isso não é tão apaixonante quanto qualquer aventura amorosa?

Nossa sociedade não compreende nosso modo de amar, porque aparentemente recusamos a experiência típica do amor: a união sexual com outra pessoa. Às vezes, até nós mesmos podemos sentir que perdemos a oportunidade “da grande experiência”, e que não vivemos. Mas Santo Tomás de Aquino ensinou que, no íntimo da vida de Deus, que é amor, está a amizade, a indizível amizade do Pai e do Filho, que é o Espírito. Para nós, viver ou estar indizivelmente vivos é pôr nossa casa nessa amizade e ser transformados por ela. Isso transbordará por sobre tudo o que somos e fazemos. Como escreveu Dom Goergen O.P.: “O celibato não dá testemunho de nada. São os celibatários que dão testemunho”¹⁵. Damos testemunho do Reino se nos veem como pessoas cuja castidade nos deixa livres para viver.

Nossas comunidades deveriam ser escolas de amizade. Quando São Jacinto estava morrendo, repetia as palavras de São Domingos aos irmãos: “Tende bondade e doçura (*dulcedo*) de coração. Conservai o amor de Deus e a caridade fraterna”¹⁶. Somos sempre bons e doces de coração o suficiente uns para com os outros? Na vida religiosa, frequentemente houve medo da amizade, mas esse medo provavelmente não esteve tão presente na tradição dominicana. Desde o princípio, houve amizades profundas e carinhosas, a amizade de São Domingos por seus irmãos e irmãs, de Jordão da Saxônia por sua querida Diana e por Henrique, de Santa Catarina de Sena e Raimundo de Cápua. Lembro de um

¹⁵ Charla que será publicada en Review for Religious, marzo 1998.

¹⁶ D.A. MORTIER, Histoire des maîtres généraux de l'ordre des Frères Prêcheurs, vol. 1, (Roma, 1903), p.528.

velhinho dominicano que, quando eu era jovem, dizia no Capítulo: “Não tenho nada contra as amizades particulares, é às inimizades particulares que eu me oponho”. A amizade nunca é exclusiva, mas profundamente transformadora, dolorosa e lentamente libertadora de tudo o que é dominador ou possessivo, de tudo o que é preconceituoso ou depreciativo. Se for uma participação na vida da Trindade, será um amor que eleva o outro à mesma altura e que o liberta. Como escreveu Bede Jarret, provincial inglês, em 1932: “Oh, querida amizade! Que dom de Deus! Não faleis mal dela. Antes louvai ao seu Criador e Modelo, a Santa Trindade”¹⁷. Se for uma amizade verdadeira, que vem de Deus, impulsionar-nos-á para a missão de pregar a Boa Nova.

O ápice do nosso amor será perder o sentimento de posse. Aos que amamos, devemos deixá-los partir; devemos deixar que eles sejam eles mesmos. O meu amor pelos outros lhes dá a liberdade para construírem suas próprias vidas e me deixa livre para a missão da Ordem? Por exemplo, o meu amor por determinada mulher ajuda-a a ter um amor mais profundo pelo seu marido, ou eu estou prendendo sua vida à minha, fazendo-a depender de mim? Esse despossuir, que é doloroso, mas libertador, convida-nos a permanecer periféricos à vida dos que amamos. Deveríamos descobrir que desaparecemos do centro das suas vidas para que nos possam esquecer e ser livres, livres para o outro, livres para Deus. Isso é o mais duro de tudo, mas creio firmemente que nos pode alegrar mais do que jamais pudemos imaginar. É nesse momento que o nosso lado fica aberto, para que dele possa jorrar a água da vida.

Um dos belos exemplos dentro da nossa tradição dominicana, sem dúvida alguma, é o da amizade entre o Beato Jordão da Saxônia, sucessor de São Domingos como Mestre da Ordem, e a monja dominicana Beata Diana di Andalò. Fica claro que eles se amavam profundamente. Quantos Mestres da Ordem escreveram com tanta franqueza a uma mulher? “Não sou teu? Não estou sempre convosco? Não sou teu no trabalho e no descanso, teu quando estou presente ou quando estou longe?”¹⁸. E fica claro que ela lhe ensinou muito sobre o modo de amar. Mas, em suas cartas, Jordão sempre a remete ao Senhor. É o amigo do esposo, cujo papel consiste em levar a noiva ao noivo: “O que te falta da minha presença, recupera-o com o teu melhor amigo, teu esposo, Jesus Cristo, que podes ter sempre presente, em espírito e em verdade. Ele fala contigo de modo mais suave e salvífico do que Jordão”¹⁹.

Em certo sentido, nós temos de nos desprender das nossas próprias famílias. Amá-las-emos devidamente. Teremos o prazer de seu amor por nós. Mas, uma vez feita a profissão na Ordem, deveríamos ficar livres para ir aonde a missão da Ordem precisar de nós, mesmo se for longe do lar da nossa família. Isso faz parte

¹⁷ The Letters of Bede Jarrett OP, ed. de Bede Bailey, Aidan Bellenger and Simon Tugwell, (Bath. 1989), p. 182..

¹⁸ JORDÁN DE SAJONIA, Cartas a Diana y a otras religiosas, Ed. de Alejandro del Cura OP (Caleruega, OPE, 1984), Carta 46, p. 93.

¹⁹ JORDAN DE SAJONIA, l.c. Carta 48, p. 95.

da nossa pobreza. Mas agora, em primeiro lugar, devemo-nos à Ordem e à pregação do Evangelho.

2.3 Sexo, corpos e desejo

a) Um ideal inalcançável?

É um belo ideal, mas pode parecer remoto e inalcançável. Quando lutamos contra os desejos sexuais, contra as fantasias e contra a possessividade, pode-nos parecer que essa amizade desinteressada está além do nosso alcance. Os meios de comunicação social cotidianamente garantem que esse ideal é “irrealista”. Mas Deus transforma a nossa humanidade, convidando-nos a fazer esforços desgastantes para subir ao céu. A vida divina chega aonde nós estamos, nós que somos carne e sangue; assume nossos desejos, nossa paixão, nossa sexualidade. Se quisermos encontrar o Senhor e ser curados, temos também que nos encarnar em nossos corpos, com todas as nossas paixões, com todas as nossas feridas e todos os nossos anseios.

Começamos pelos que somos e por quem somos. Quando tomamos o hábito, trazemos à Ordem esta pessoa concreta, que é fruto de uma história e traz consigo suas feridas. Esta é a pessoa a quem o Senhor chamou, não é um ser humano ideal. Chegamos com as cicatrizes da experiência passada, talvez com a lembrança ainda viva dos fracassos no amor, de abusos, de sexo. Nossas famílias nos ensinaram a amar, mas talvez também elas nos tenham produzido feridas que precisam de tempo para curar-se. Progredir num amor como o de Cristo requer um tempo próprio, e esse tempo nos é dado. É um dom, e Deus sempre dá seus dons através do tempo. Esperou séculos para formar seu povo, preparando o caminho para o nascimento do seu Filho. Deus nos dá a vida com paciência, não de um instante para outro. Se aceitamos esses dons, devemos aceitar o modo como Deus no-los dá: “não os dou como o mundo os dá” (João 14, 17). Aceitar esses dons do tempo talvez seja especialmente importante na nossa sociedade, na qual a adolescência se prolonga e só muito tarde a maior parte de nós chega à maturidade. Temos de começar com os nossos desejos, nossos anseios, nosso corpo. Não somos nem anjos nem feras, mas sim carne, sangue e espírito, destinados ao Reino. Contudo, como disse Pascal, se cometermos o erro de pensar que somos anjos, então nos converteremos sim em feras.

b) O desejo

“Tirarei de vosso peito o coração de pedra, e dar-vos-ei um coração de carne” (Ezequiel 36, 26). Se os nossos corações devem ser de carne, temos de permitir que os nossos desejos sejam transformados.

Que desejos que escondemos dos outros e talvez de nós mesmos moldam o nosso coração? “Nenhum de nós é tão transparente a ponto de saber exatamente onde de fato está o nosso coração”²⁰. Enquanto não olharmos cara a cara com sinceridade para os nossos desejos e enquanto não aprendermos a desejar francamente, estaremos sujeitos ao seu controle e seremos seus prisioneiros. Isso é especialmente árduo numa sociedade que tem a cultura do desejo. Nossa sociedade está morrendo, não de fome, mas por excesso de desejo. Todos os anúncios nos incitam a desejar mais e mais, interminavelmente, sem fim. O mundo é consumido por um desejo voraz, incomensurável, que pode consumir a todos nós. O desejo sexual sem rédeas é simplesmente um dos sintomas de como somos ensinados a olhar para o mundo, como um material a ser tomado e consumido.

Em primeiro lugar, o amor que é amizade nos convida a ver o outro sem querer possuí-lo. Deleitamo-nos nele sem espírito de propriedade. É difícil chegar a essa liberdade de coração se somos presa da cultura do mercado, no qual tudo se adquire e se usa, inclusive as pessoas. Por isso, a verdadeira amizade nos pede que rompamos com a cultura dominante do nosso tempo. Temos de aprender a ver corretamente, com clareza, com olhos que não devorem uns aos outros nem devorem o mundo. Santo Tomás escreveu: “*ubi amor, ibi oculus*” – “onde está o amor, aí está o olho”²¹. Diz isso para quando, movidos pela luxúria, vemos o outro como um leão vê um cervo, como comida a ser devorada. É, pois, inseparável de uma verdadeira pobreza de coração. Como perguntava William Blake: “Pode haver um amor que absorva os outros como uma esponja absorve a água?”²².

Assim, sanar os desejos implica um modo diferente de estar no mundo, uma verdadeira pobreza. Mas que tipo de sinal a castidade pode ser se seguirmos sendo tão cobiçosos noutros sentidos? Como escreveu Dom Georgen O.P.: “Se faço parte de uma sociedade de consumo, defendo o capitalismo, tolero o machismo, penso que a cultura ocidental é superior às demais e sou celibatário, estou simplesmente dando testemunho do que defendo: capitalismo, sexismo, arrogância ocidental e abstinência sexual. Esta última, nesse contexto, é pouquíssimo significativa e compreensivelmente questionável”²³.

Temos de também ver a sexualidade com toda a clareza e livrar-nos da mitologia sexual da sociedade contemporânea. Temos de desmitificar o sexo. Por um lado, a relação sexual é normalmente vista como a culminância de todos os nossos anseios de comunhão e como a única maneira de escapar da solidão. Disse-se que era o último sacramento que restava da transcendência, o único sinal de

²⁰ N. LASH, *The Beginning and the end of Religion*, (Cambridge 1996) p. 21.

²¹ TOMAS DE AQUINO, *Comm- in libr. Sentent 3., d.35, 1,2,1.*

²² W. BLAKE, *Vision of Albion 7,17.*

²³ *op. cit.*

que existimos para o outro ou mesmo de que existimos, simplesmente. Não ter relações sexuais, portanto, significa estar meio morto. Mas, por outro lado, a sexualidade é trivializada. Uma inglesa que geria um prostíbulo declarou recentemente que fazer amor não tem mais importância do que tomar uma xícara de chá. A combinação da deificação da sexualidade com a sua banalização é o que faz com que o celibato seja tão duro de viver. São-nos ditas ambas as coisas: que devemos praticar o sexo e que nos compete fazê-lo sem a mínima dúvida. A reeducação do coração humano pede que vejamos a sexualidade com franqueza. Não resta dúvida de que é um belo sacramento de comunhão com o outro, o dom de si mesmo, e por isso não pode ser banalizado jamais. Mas há outra forma de amar plena e profundamente, e por isso não ter relações sexuais não nos condena ao isolamento nem à solidão.

Finalmente, ante os insaciáveis desejos do mercado, somos convidados não à repressão, mas sim a desejar ainda mais. Somos seres com paixões, e matar toda paixão seria atrofiar e esmagar a nossa humanidade. Converter-nos-ia em pregadores da morte. Ao contrário, devemos libertar-nos para desejos mais profundos, para a ilimitada bondade de Deus. Como dizia Oshida, um dominicano japonês, pedimos a Deus que se faça irresistível. Nossos desejos podem equivocar-se, mas não porque pedimos demasiado, e sim porque nos conformamos com pouco, com satisfações insignificantes. “Para nós, o ideal absolutamente não consiste em controlar nossos apetites, mas em dar-lhes rédeas soltas seguindo o apetite incontrolado de Deus”²⁴. Os anúncios que estão à beira de nossas estradas convidam-nos a lutar uns contra os outros, a competir pisoteando-nos uns aos outros para satisfazer nossos desejos insaciáveis; nosso Deus oferece a satisfação de um desejo infinito, livremente e como um dom. Desejemo-Lo cada vez mais profundamente.

Sem dúvida, essa transformação do desejo exigirá certo ascetismo. Por muito tempo eu vinha resistindo a essa conclusão! É em parte porque era um homem muito moderado, comia e bebia pouco que São Domingos conseguiu sua liberdade, sua espontaneidade, sua alegria. Ele fazia festa com os seus irmãos, mas também jejuava. Há um ascetismo que não é uma recusa maniqueísta do mundo criado por Deus, mas que nos ensina a disfrutar apropriadamente dele. “Não se trata de renunciar ao desejo em si mesmo – o que seria desumano –, mas à sua violência. Trata-se de morrer para a violência do prazer, para a sua onipotência”²⁵. A temperança regula os nossos apetites com respeito às necessidades reais do nosso corpo, livrando-nos assim das decepções da fantasia e da tirania do desejo.

c) Corpos

²⁴ Simon Tugwell OP, *Reflections on the Beatitudes*, Londres 1980, p.78.

²⁵ Jean-Louis Bruguès OP, *Les idées heureuses*, (Paris 1996), p.56.

Não posso ter um relacionamento maduro com minha sexualidade, se não aprender a aceitar e até a deleitar-me com os corpos humanos, o meu e o dos outros. Este é o corpo que tenho e que sou, que envelhece, engorda, que perde o cabelo; evidentemente um corpo mortal. Devo-me sentir confortável com os corpos das outras pessoas: bonitos e feios, doentes e saudáveis, velhos e jovens, homens e mulheres. São Domingos fundou a Ordem para libertar o povo da tragédia de uma religião dualista, que condenava como mau este mundo criado. É central em nossa tradição, desde o começo, a estima pela corporeidade. Nela Deus nos encontra e nos redime fazendo-se um ser mortal de carne e sangue como nós. O sacramento central da nossa fé é a participação no seu corpo, e a nossa esperança final é a ressurreição do corpo. O voto de castidade não é um refúgio contra a nossa existência corpórea. Se Deus se fez carne e sangue, devemos atrever-nos a fazer o mesmo.

Descobrimos o que estar corporalmente nesse momento culminante da vida de Jesus significa para nós, quando Ele nos dá o seu corpo: “*Este é meu corpo entregue por vós*”. Aqui, vemos que o corpo não é precisamente uma massa informe de carne, um pacote de músculos, sangue e gordura. A Eucaristia nos ensina a vocação de nossos corpos humanos: possibilidade de comunhão, tornar-se dádivas uns para os outros.

O enorme sofrimento do celibato está em que renunciamos a um momento de intensa corporeidade, de quando os corpos se entregam uns aos outros sem reserva. Aqui o corpo se revela em sua identidade profunda, não como uma massa de carne, mas como um sacramento de presença. Esse ato sexual expressa, torna carne e sangue, nosso profundo desejo de compartilhar nossas vidas. Por isso, é um sacramento da unidade de Cristo e da Igreja.

Também nós religiosos, em nossa corporeidade, podemos fazer Cristo presente à nossa maneira. O pregador dá à luz a Palavra não só com suas palavras, mas sim com tudo o que é. A compaixão de Deus busca tornar-se carne e sangue em nós, em nossa delicadeza, até em nossos rostos.

No Antigo Testamento, frequentemente encontramos uma oração pedindo que o rosto de Deus brilhe sobre nós. A essa oração respondeu-se finalmente em forma de um rosto humano, o rosto de Cristo. Rosto que olha para o jovem rico, o ama e lhe pede que O siga; olha para Pedro no pátio depois de sua traição; olha para Maria Madalena no jardim e a chama por seu nome. Como pregadores, carne e sangue, podemos dar corpo a esse olhar compassivo de Deus. Nossa corporeidade não está excluída da nossa vocação. “E quem é pregador e irmão ao mesmo tempo pode aprender, com trabalho e provavelmente com progresso inconstante, o que significa ser um rosto para Deus, precisamente tendo um rosto humano, um rosto que pode sorrir e rir, chorar e parecer chateado (...) E é precisamente em toda a nossa unicidade e individualidade, eternamente válida e

desejada por Deus, que somos também a revelação, a manifestação, a expressão daquele que é o Único Verbo que se revela desde toda a eternidade no silêncio”²⁶.

A verdadeira pureza de coração não consiste em estarmos dispensados da contaminação deste mundo, mas em estar plenamente presentes no que fazemos e somos, com um rosto e um corpo que nos expressam, acima de tudo, engano e duplicidade. Os puros de coração não se escondem atrás de suas caras para olhar com cautela. São transparentes, com a nudez e vulnerabilidade de Cristo. Conservam sua liberdade e espontaneidade. “Só quem tem um coração limpo é capaz de rir com uma liberdade que gera liberdade nos demais”²⁷.

d) Fecundidade

Talvez o que eu mais sinto falta é não haver tido filhos. E se eu, que sou homem, sinto essa falta, imagino o que pode significar para uma mulher não ter dado à luz. É um desejo fundamental, temos de reconhecê-lo. Mas seremos frutíferos se nossa vida apostólica estiver assumida no fértil amor de Deus pela humanidade. Mestre Eckhart diz que esse amor em nós é encantador e fértil. Deus está em nós “sempre verdejante e florescente em toda a alegria e glória que Ele é em si mesmo”²⁸. “O propósito principal de Deus é dar vida: não se satisfará enquanto não gerar em nós o seu Filho. E tampouco a alma estará satisfeita enquanto o Filho não nascer nela”²⁹.

Nosso amor pelos irmãos e irmãs deve ajudá-los a ser frutíferos. A vida apostólica não consiste simplesmente em trabalhar sem cessar. Se os nossos apóstolos estiverem vivos com a abundância da vida de Deus, participaremos de sua criatividade.

Mas ser pai significa viver na alegria e na dor de deixar que os filhos partam. A consumação de sermos pais consiste em fazer que os filhos sejam livres, em deixá-los orientar sua vida mesmo que seja de um modo diferente do que planejamos para eles. Também devemos desprender-nos daquilo que criamos. Saberemos que fomos realmente frutíferos quando os projetos que tínhamos iniciado e aqueles aos quais tínhamos dedicado nossa vida tomarem novos rumos e estão em mãos de outros. Isto é duro, mas a generosidade dos pais consiste em dar liberdade a seus filhos.

2.4 Como podemos ajudar-nos mutuamente?

Se deixarmos que o amor, que é Deus, nos toque, reviveremos pouco a pouco. Pode parecer mais seguro continuarmos mortos, invulneráveis, intocáveis. Mas isto é verdade? “A natureza abomina o vazio. Podem acontecer coisas

²⁶ TUGWELL, op. cit, p.96.

²⁷ J. PIEPER, A Brief Reader on the Virtues of the Human Heart, San Francisco, p.44.

²⁸ M. ECKHART, en WALSHE, op. cit. Sermon 8.

²⁹ Ib. Sermon 68.

terríveis a quem tem um coração vazio. Em última análise, é melhor correr o risco de um escândalo ocasional do que ter um mosteiro – um coro, um refeitório, uma sala de recreação – cheio de mortos. Nosso Senhor não disse: ‘Eu vim para que tenham segurança e para que a tenham em abundância’. Alguns dentre nós dariam qualquer coisa para sentir-se seguros em sua vida, neste mundo e no futuro, mas não podemos ter as duas coisas: segurança e vida; temos de escolher”³⁰. Se optarmos pela vida, precisaremos de comunidades que nos apoiem enquanto vamos revivendo, que nos ajudem a crescer num amor que seja verdadeiramente santo, numa participação no Verbo de Deus revelado.

a) Comunidades de esperança

Antes de tudo, deveríamos oferecer-nos mutuamente esperança e misericórdia. Frequentemente, o que nos atrai à Ordem é nossa admiração pelos irmãos. Esperamos chegar a ser como eles. Mas logo descobrimos que são, de fato, como nós: frágeis, pecadores e egoístas. E isto pode causar uma profunda decepção. Lembro-me de um noviço que reclamou de ter descoberto algo muito triste. O Mestre de Noviços lhe respondeu: “Alegra-me ouvir você dizer que não mais nos admira. Agora há uma oportunidade de você conseguir nos amar”. Não é preciso ver o mistério redentor do amor de Deus numa comunidade de heróis espirituais, mas de irmãos e irmãs que se animam mutuamente, com esperança e misericórdia, a caminho do Reino. O Senhor ressuscitado aparece a uma comunidade de homens tímidos e debilitados. Se queremos encontrar o Senhor, devemos atrever-nos a estar ali com eles. Jordão da Saxônia escrevia aos irmãos de Paris, que sem dúvidas eram exatamente como nós: “Não é possível que Jesus apareça aos que se separam da unidade fraterna. A Tomé foi negado ver Jesus por não estar junto com os demais discípulos quando Ele lhes apareceu. E pensais que vós sois mais santos que Tomé?”³¹.

Mas necessitamos de nossas comunidades, sobretudo se falharmos no amor. E podemos falhar porque entramos em um período de esterilidade no qual sentimos que somos absolutamente incapazes de amar, no qual nossos corações de carne foram substituídos por corações de pedra. E então precisaremos de nossas comunidades para acreditar por nós que:

“Escondida no mais profundo de si mesmo,
– apesar da traição cometida ou do peso da própria fraqueza –
Escondida nas profundezas de si,
A semente do amor permanece”³²

Nossas comunidades devem ser lugares em que não haja acusações “porque o acusador dos nossos irmãos foi expulso” (Apoc. 12, 10). Podemos pecar e pensar que destruímos nossa vocação, e que, envergonhados, temos de deixar a

³⁰ G. VANN, OP, *To Heaven with Diana*, (Londres 1959), p. 46ss.

³¹ *Ibid.* p.157.

³² P. MURRAY, OP, *A song for the Afflicted*, poema inédito.

Ordem. É então que nossos irmãos e irmãs podem ter de acreditar por nós na misericórdia de Deus, se se torna difícil acreditarmos por nós mesmos. Se Deus pode fazer florescer a árvore morta do Gólgota, pode também tirar proveito dos meus pecados. Quando nós mesmos não pudermos, podemos precisar de nossos irmãos para acreditar que uma falha não é o fim, mas que Deus, em sua infinita fertilidade, pode torná-la parte da nossa jornada para a santidade. Até nossos pecados podem fazer parte de nossas más tentativas de amar. Os anos que duraram as aventuras sexuais de Santo Agostinho talvez formassem parte de sua procura por um amor maior, e a castidade não significou o término, mas sim a culminação desse desejo.

b) Comunidade e orientação sexual

É aqui que se percebem mais claramente as diferenças culturais. É necessário um grande cuidado para não escandalizar nem ferir os irmãos e as irmãs. Em algumas culturas, a admissão à vida religiosa de pessoas com a orientação homossexual é virtualmente impensável. Em outras, é aceita sem problemas. Tudo o que se escreve sobre esse tema corre o risco de ser examinado para ver se se está “a favor de” ou “contra” a homossexualidade. É aí que está o erro. Não nos compete dizer a Deus quem Ele pode ou não chamar para a vida religiosa. O Capítulo Geral de Caleruega afirmou que é preciso aplicar a todos os irmãos, qualquer que seja sua orientação sexual, as mesmas exigências de castidade e, portanto, ninguém pode ser excluído por essa razão. Houve um grande debate nesse Capítulo sobre esse assunto, e estou convicto de que esse debate continuará.

Como nossas comunidades podem ajudar e amparar os irmãos ao se confrontarem com sua orientação sexual? A primeira coisa que devemos reconhecer é que toca profundamente nossa própria ideia de quem somos. E, por isso, é um tema importante e delicado para muitos jovens que vêm à Ordem, por duas razões. Em primeiro lugar, frequentemente há uma ânsia profunda por ter uma identidade própria. Para muitos, a questão predominante é: “Quem sou eu?”. Em segundo lugar, a questão da orientação sexual muitas vezes não se soluciona até bastante tarde, devido à adolescência prolongada que hoje caracteriza muitas culturas. Às vezes, recebemos de alguns irmãos pedidos de dispensa porque só muito tarde em sua vida eles se deram conta de que eram fundamentalmente heterossexuais e, portanto, aptos para casar-se.

Se um irmão chega a acreditar que é homossexual, é importante que ele saiba que é aceito e amado tal como ele é. Pode viver no medo da rejeição e da acusação. Mas essa aceitação é “pão para o caminho” à medida que vai conseguindo descobrir uma identidade mais profunda, a de filho de Deus. Porque nenhum de nós, heterossexuais ou homossexuais, pode encontrar essa identidade em sua orientação sexual. É em Cristo que devemos descobrir o que somos em profundidade. “*Queridos, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou*

o que seremos. Sabemos que, quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é” (1 João 3, 2). Por nossos votos, nos comprometemos a seguir a Cristo e a descobrir n’Ele nossa identidade. Faz parte da nossa pobreza superar essas pequenas identidades. *“Na raiz de todas as demais ânsias de posse está, por último, o desejo de ser eu mesmo: o desejo de que, no centro de mim mesmo, deve estar não esse indizível abismo no qual inevitavelmente se lança, como num vazio, o Deus sem nome, mas sim uma identidade que posso possuir, uma identidade que se define como propriedade minha”*³³. O irmão que faz de sua orientação sexual um elemento central de sua identidade pública se está equivocando sobre quem ele é no mais profundo de si mesmo. Vai parar à beira do caminho, quando na verdade está sendo chamado a caminhar até Jerusalém. O principal é que possamos amar e ser filhos de Deus, não a questão de por quem nos sentimos atraídos sexualmente. Mas nisso não há só um sentido pessoal da identidade do indivíduo. Temos uma identidade como irmãos e irmãs uns dos outros. Somos responsáveis pelas consequências que nossa maneira de nos apresentarmos, especialmente numa área tão sensível como a da orientação sexual, pode ter para nossos irmãos e irmãs.

Assim, todo irmão deve ser aceito tal como é. Mas o surgimento de qualquer subgrupo dentro de uma comunidade, baseado em sua orientação sexual, poderia causar uma grande divisão. Pode ameaçar a unidade da comunidade, pode tornar ainda mais difícil para os irmãos guardar a castidade que consagramos. Pode forçar os irmãos a pensar sobre si mesmos de um modo que não é central para sua vocação de pregadores do Reino, e talvez um dia eventualmente descubram que não é certo.

c) Apaixonar-se

Contudo, por mais que apresentemos a amizade como a suprema revelação de um amor, que é a vida de Deus, podemos ainda nos apaixonar, e essa pode ser uma das experiências mais significativas da nossa vida. Uma das primeiras perguntas públicas que me fizeram depois da minha eleição como Mestre da Ordem numa reunião com um grande grupo de estudantes dominicanos filipinos foi esta: “Timothy, alguma vez você se apaixonou?”. E a segunda pergunta foi: “Isso aconteceu antes ou depois de ter entrado na Ordem?”. Se isso ocorrer, então necessitamos verdadeiramente da ajuda e do amor das nossas comunidades.

Para um irmão ou uma irmã que consagraram suas vidas à Ordem, apaixonar-se certamente é um momento de crise. Mas, como frequentemente nos recorda Jean-Jacques Pérennès no Conselho Generalício, uma crise é um momento de oportunidade. Pode ser frutífera. Qualquer experiência de amor pode ser um encontro com o Deus que é amor. Apaixonar-se pode significar o momento em que o nosso egocentrismo fica desmascarado e descobrimos que não somos o

³³ R. WILLIAMS, *Open for Judgement*, (Londres, p. 184).

centro do mundo. Pode ser devastadora, ao menos por algum tempo, essa preocupação por nós mesmos, que nos mata. Apaixonar-se é *“para muita gente, a experiência mais extraordinária e reveladora de suas vidas, pela qual alguém deixa de ser o centro de significação, e o ego sonhador se vê estremeado ao descobrir uma realidade completamente distinta”*³⁴.

Uma vez que tenhamos passado por essa profunda “desapropriação” de nós mesmos, não podemos continuar vivendo como se não tivesse acontecido nada. E esta pode ser uma razão pela qual, se um irmão se apaixonar, pode pedir a dispensa dos votos, porque essa vida antiga que tinha prometido já ficou para trás.

Quando Thomas Merton, um cisterciense americano, estava no ápice de sua fama como escritor espiritual, apaixonou-se perdidamente por uma enfermeira que tinha cuidado dele no hospital. E escreveu em seu diário que estava *“atormentado ao me dar conta de que estávamos apaixonados, e eu não sabia como poderia viver sem ela”*³⁵. Como disse Otelo enfrentando a perda de sua amada Desdémona, *“nela meu coração se havia refugiado, nela tenho de viver ou não ter vida, ela é o manancial do qual brota minha corrente, porque, se não, seca”*.

Assim, não podemos imaginar uma vida fora da pessoa que amamos e, por isso, temos que pedir o dom de uma vida que não podemos imaginar, uma vida que só pode vir como dom de Deus. Sobre a cruz, Jesus espera não uma vida imaginável, mas apenas a inconcebível e abundante vida que o Pai lhe dá. Nós não podemos criar uma vida. A vida nos deve ser dada.

É muito difícil nos abandonamos nas mãos do Pai nesse momento, confiando que essa morte abrirá espaço para a ressurreição. Precisaremos como nunca dos nossos amigos, irmãos e irmãs, que talvez, quando nós não pudermos, tenham de acreditar em nosso lugar que nesse deserto podemos encontrar o Senhor da vida. Possivelmente, nunca nos teremos sentido tão vivos, com tanta vitalidade. Podemos pensar que esse amor é o que tínhamos buscado durante toda a nossa vida. Como nos arriscaremos a perdê-lo? Podemos nos tornar secos, mal-humorados e frustrados. Nesse momento, temos de acreditar que, se continuarmos fieis aos nossos votos, Deus também será fiel e receberemos vida em abundância. O biógrafo de Merton diz que, finalmente, sua experiência de ter-se apaixonado lhe deu *“uma libertação interna que lhe conferiu um novo sentido de convicção, de despreocupação e de abandono em sua vocação e no mais profundo de si mesmo”*³⁶

Poderia parecer que estou sugerindo essa experiência como um passo praticamente necessário no caminho do nosso progresso espiritual. Absolutamente não é isso que estou dizendo. “Ninguém tem maior amor do que quem dá sua vida por seus amigos”. Como religiosos, nos comprometemos a viver

³⁴ I. MURDOCH, *The Fire and the Sun: Why Plato banished the Artist*, (Oxford 1979), citado por F. KERR, OP, em *Immortal Longings: Versions of transcending Humanity* (Indiana 1997), p. 72.

³⁵ J. HOWARD GRIFFIN, *Thomas Merton: The Hermintage Years*, (London 1993), p. 60.

³⁶ J. H. GRIFFIN, o.p, p. 87.

a plenitude da vida no mistério dessa amizade de desprendimento. Também nós, sacerdotes e religiosos, podemos causar-nos um estrago tremendo a nós mesmos e aos outros quando nos apaixonamos. Para outros, podemos parecer tão “seguros” e nos considerarmos também seguros. Podemos abusar facilmente, permitindo-nos uma forma de “turismo emocional”, que nos deixa livres para voltar à nossa comunidade quando as coisas começarem a ficar perigosas, mas possivelmente deixamos outras pessoas feridas, e destruída para sempre sua fé na Igreja e até em Deus.

a) O deserto da solidão

Em nosso crescimento como pessoas capazes de amar, às vezes podemos ter de passar através do deserto. Pode ser porque nos sentimos incapazes de amar, ou porque nos apaixonamos, ou talvez porque falhamos em nossos votos. Se a vida apostólica nos leva à perplexidade do Getsêmani, onde a vida perde todo o seu sentido, então a crise no amor pode confrontar-nos com a solidão da cruz.

A experiência da solidão revela uma verdade fundamental sobre nós mesmos: que, sozinhos, estamos incompletos. Contrariamente à percepção dominante de grande parte da sociedade ocidental, não somos seres autossuficientes, independentes. A solidão revela que não posso viver, existir por mim mesmo. Só existo por minhas relações com os demais. Sozinho, eu morro. A solidão revela um vazio, uma carência no mais profundo do meu ser. Podemos ver-nos tentados a preencher esse vazio com várias coisas: comida, bebida, sexo, poder ou trabalho. Mas o vazio continua ali. O álcool ou qualquer outra coisa é simplesmente uma sede de Deus disfarçada. Suspeito que não podemos saciá-la nem sequer com a presença de outras pessoas. Um quarto cheio de gente solitária não muda nada. “*O horror dessa solidão se mostra precisamente no fato de que todos a compartilham, mas ninguém a pode aliviar*”³⁷. Quando Merton se apaixonou, descobriu que o que estava buscando provavelmente não era sua amada, mas sim uma solução para o abismo que havia no mais profundo do seu coração. Ela era “a pessoa cujo nome eu tentaria usar como magia para romper o cerco da terrível solidão do meu coração”³⁸.

Em definitivo, acredito que essa solidão não deva ser simplesmente suportada. É preciso vivê-la como acesso à solidão de Cristo em sua morte, que assume todas as solidões humanas e as transforma. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Se agirmos assim, o véu do templo se rasgará em dois e descobriremos que Deus está no mais profundo do nosso ser, dando-nos a existência a cada instante. “*Tu autem eras interior intimo meo*”, “*tu estavas mais*

³⁷ S. MOORE, OSB, *The Inner Loneliness*, (Londres 1982) p. 40.

³⁸ *Op.cit.*, p. 58.

dentro de mim do que eu mesmo”³⁹. Se tomarmos sobre nós a cruz da solidão e caminharmos com ela, revelar-se-á que a percepção moderna do eu não é verdadeira. A verdade mais profunda de nós mesmos é que não estamos sós. No ponto mais profundo do meu ser, está Deus, dando-me vida em abundância. Santa Catarina, em seu *Diálogo*, descreve-se como “habitando na cela do conhecimento de si mesma para conhecer melhor a bondade de Deus para com ela”. O conhecimento profundo de uma pessoa não revela o ser solitário da modernidade, mas sim o único cuja existência é inseparável de Deus, que nos está dando continuamente a vida.

Se conseguirmos entrar nesse deserto e lá encontrar Deus, seremos livres para amar gratuitamente, livremente, sem domínio nem manipulação. Seremos capazes de ver os outros não como uma solução para minhas necessidades nem como respostas para a minha solidão, mas sim simplesmente para nos deleitarmos neles. “*Por conseguinte, mantém-te firme e não vaciles em teu vazio*”. Foi aos pés da cruz, quando Jesus deu sua mãe ao discípulo amado e vice-versa, que nasceu a comunidade da Igreja.

3. A vida de oração

“Chamei-vos de amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (João 15, 15).

Quem é tocado pela abundância de vida ama desinteressada, espontânea e alegremente. Seu coração de pedra converte-se num coração de carne. De acordo com a nossa tradição, essa transformação profunda da nossa humanidade implica estudo e oração ao mesmo tempo. Jordão da Saxônia nos diz que ambos nos são tão necessários como comer e beber. Mediante o estudo, refazemos o coração humano, descobrimos essa “*formação do entendimento pelo qual o entendimento se transforma em amor*”⁴⁰. Ambos, estudo e oração, pertencem à vida contemplativa à qual todo dominicano é chamado. Mas poupo-vos das reflexões sobre o estudo, porque já escrevi uma carta sobre esse tema. Contudo, exporei algumas ideias sobre a oração e a vida.

3.1 Comunidade da Palavra

No final da maior parte das visitas canônicas, o visitador costuma fazer algumas observações construtivas acerca da necessidade da oração. Sabiamente inclinamos a cabeça e fazemos alguns vagos propósitos. Tem-se a impressão de que o que está em jogo é: como esses ossos secos podem reviver?

Quando um bebê nasce, seus pais começam imediatamente a falar com ele. Muito antes de poder entender, o bebê é alimentado com palavras, banhado e

³⁹ S. AGOSTINHO, *Confessiones*, 3.6.1.

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO *Suma de teología*, I, 43, 5, ad 2m.

tranquilizado com palavras. Sua mãe e seu pai não falam com seu filho para lhe transmitir informações. Falam com ele para despertá-lo para a vida. É nesse mar de linguagem que ele é humanizado. Pouco a pouco será capaz de encontrar um lugar no amor partilhado por seus pais. Vai-se desenvolvendo até uma existência humana.

Também nós somos transformados por imersão na Palavra de Deus que nos é dirigida. Não lemos a Palavra para buscar informações. Consideramo-la, estudamo-la, meditamo-la, vivemos com ela, comemo-la, bebemo-la. “Fiquem gravadas no teu coração essas palavras que eu te envio hoje. Irás repeti-las aos teus filhos, dizê-las em casa ou viajando, ao deitar-te ou levantar-te” (Dt 6, 6). Essa palavra de Deus atua em nós, faz-nos humanos, traz-nos à vida, formando-nos nessa amizade que é a verdadeira vida de Deus. Como Jordão escrevia a Diana em sua carta de Natal em 1229: “Lê essa palavra em teu coração, ruma-a em tua mente, e que ela deixe tua boca doce como o mel. Que permaneça em ti e habite sempre contigo”⁴¹.

Uns amigos meus adotaram um bebê. Encontraram-no na sala de um grande hospital em Saigon, órfão da Guerra do Vietnã. Durante os primeiros meses na sala do hospital, ninguém teve tempo para olhar para ele nem falar com ele. Cresceu incapaz de sorrir. Mas seus pais adotivos falavam com ele e sorriam para ele, com uma amorosa dedicação. Lembro do dia em que ele sorriu pela primeira vez. A Palavra de Deus nos alimenta para que revivamos, para que sejamos humanos e até capazes de devolver a Deus o sorriso. Uma comunidade que oferece vida é aquela em que encontramos essa Palavra de Deus guardada como tesouro e compartilhada. Não basta dizer mais orações. Elas podem sufocar-nos, sobretudo quando ditas em grande velocidade. Quando São Domingos orava, disfrutava da palavra de Deus “saboreando-a em sua boca, tal como ela era, e regozijava-se recitando-a para si mesmo” (quinto modo), como alguém que degusta um bom vinho francês. Santo Alberto Magno diz que “precisamos ser frequentemente alimentados pela doçura (novamente *dulcedo*) da Palavra de Deus”⁴².

À medida que o bebê é alimentado com as palavras de seus pais, passa a fazer a terrível e libertadora descoberta de que não é o centro do universo. Atrás daquele peito que o amamenta, há uma mãe. Nem tudo está às suas ordens. Descobre-se como parte da comunidade humana. Na conversa dos nossos pais, descobrimos um mundo ao qual podemos pertencer. Assim também somos nutridos com a Palavra de Deus, somos conduzidos a um mundo mais amplo. O Bom Pastor que veio para que tenhamos vida, e em abundância, é quem abre a porta para que possamos sair e encontrar espaços amplos. Na oração, fazemos um êxodo para além da carapaça da nossa insignificante obsessão por nós mesmos. Entramos no amplo mundo de Deus. A oração é uma “disciplina que me impede de crer que sou o centro de um universo pequeno, e permite que eu me encontre,

⁴¹ JORDÁN DE SAJONIA, Carta 41 (en la Navidad), l.c., p. 86.

⁴² ALBERTO MAGNO, Sermón, en *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 36, 1969, p.109.

me perca e volte a me encontrar no enredo de moldes de um mundo que eu não fiz e que eu não controlo”⁴³.

O bebê cresce na conversa de seus pais e descobre que não está sozinho. Igualmente, nós também somos tomados na amizade de Deus e curados da obsessão por nós mesmos, começando a vislumbrar o verdadeiro mundo. Yeats escreveu: “Alimentamos o coração com fantasias, e o coração se tornou selvagem”⁴⁴. A oração cura o nosso coração das fantasias. Santo Tomás diz que “a oração do Senhor serve de norma para todos os nossos afetos”⁴⁵. Ao pedir que se faça a vontade de Deus e que venha seu Reino, remoldamos o nosso coração.

Libertados das nossas fantasias auto-obsessivas e tendo adentrado no mais amplo mundo de Deus, descobrimos que os outros sofrem violência e tristeza. Fr. Vicente de Couesnongle falava da “contemplação da rua”. Para São Domingos, os aflitos e oprimidos “fazem parte do ‘*contemplata*’ no ‘*contemplata aliis tradere*’ (...) O doloroso conhecimento que abre a mente e o coração de Domingos à contemplação, permitindo-lhe experimentar a dor e as necessidades do seu próximo com um desamparo imponente, não pode ser explicado simplesmente por certas lembranças indeléveis da dor que ele presenciou nem por sua simpatia natural”⁴⁶. Como diz Paul Murray, é uma “ferida contemplativa”. Por isso, a vida contemplativa está no centro de qualquer busca por um mundo justo. A contemplação nos faz capazes de ver desinteressadamente.

3.2 Comunidades de celebração e de silêncio

O bebê vai crescendo e deixando de choramingar, torna-se capaz de usar a palavra e o silêncio. Aprenderá a falar e a escutar. Assim também ocorre conosco. Construir comunidades de oração implica mais que acrescentar outro salmo nas Vésperas. Devemos criar um ambiente no qual possamos falar e escutar, alegrar-nos e estar em silêncio. É este o ecossistema de que precisamos, se quisermos florescer.

Segundo a tradição dominicana, falar com Deus é, antes de tudo, pedir o que queremos. Essa não é uma atitude infantil, mas realista. Demonstra-nos que estamos despertando do pequeno mundo de fantasia do mercado, onde tudo se vende, e reconhecendo que, no mundo real, tudo é um dom daquele que é “o autor dos nossos bens”⁴⁷. Quando começamos a questionar, estamos a caminho de ser adultos. Quando oramos juntos, ousamos pedir a Deus aquilo que desejamos mais profundamente? Meramente recitamos algumas poucas petições do breviário?

O êxodo do Egito da obsessão por si mesmo é um momento de êxtase. Somos libertados do escuro e restrito mundinho do ego. Seguramente estaremos

⁴³ R. WILLIAMS, l.c P. 120.

⁴⁴ “Meditations in time of Civil War” Collected Poems (London 1969), p. 230.

⁴⁵ II-II, 83, 8.

⁴⁶ P. MURRAY OP “Dominicans grounded in Contemplative experience”, Conferencia en River Forest, Chicago, junio 1997.

⁴⁷ TOMAS DE AQUINO, op.cit, II-II, 83, 2, ad 3m.

exultantes como Miriã depois de ter atravessado o Mar Vermelho. Exultaremos por ter entrado nos espaços amplos e abertos da amizade de Deus. Davi dançou freneticamente diante da arca, Maria exultou no Senhor e nas coisas maravilhosas que Ele fez por ela. Sem dúvida alguma, a oração do pregador deveria ser exultante, extática. Fomos chamados a “louvar, bendizer e pregar”. Como o Salmo diz: “Cantemos ao Senhor um canto novo”, façamo-lo, pois! São Domingos era exultante em sua oração. Usava todo o seu corpo, estendendo os braços, prostrando-se em terra, ajoelhando-se e fazendo muito barulho. Todo o corpo está salvo pela graça e, por isso, ora. Eis algumas de minhas lembranças mais belas da oração com os irmãos: penso na Eucaristia extática celebrada no Haiti, em meio a uma grande pobreza e violência; a dança e o canto de nossas Irmãs Zulus na África do Sul; o canto maravilhoso e apaixonado da Vigília Pascal em Cracóvia; os fogos e o gongo em Taiwan, um ano depois. Celebramos a liturgia e exultamos juntos no Senhor que fez maravilhas por nós? Ou vemos-la como mera obrigação que temos de cumprir? Certamente é uma obrigação, a obrigação mais solene que procede da amizade. E é-nos um prazer fazer coisas pelos nossos amigos.

Eckhart escreveu que “a melhor e mais nobre conquista nesta vida consiste em estar em silêncio e deixar que o Senhor aja e fale dentro de nós”⁴⁸. Não há amizade sem silêncio. Se não tivermos aprendido a parar, a estar em silêncio e a escutar o outro, permaneceremos encerrados em nosso pequeno mundo, do qual somos o centro e os únicos habitantes reais. No silêncio, fazemos a maravilhosa e libertadora descoberta de que não somos deuses, mas sim criaturas, precisamente.

Há diversos tipos de silêncio. Há o silêncio das mulheres no sepulcro, que “não disseram nada a ninguém, porque tinham medo” (Lucas 16, 8). Há o silêncio com o qual excluímos o que é totalmente inesperado, novo, o impensável. Há o silêncio dos discípulos a caminho de Emaús, enquanto escutavam o Senhor que lhes explicava as Escrituras. Naquele momento, nada disseram, mas depois exclamaram: “O nosso coração não estava ardendo dentro de nós quando Ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lucas 24, 32). Paul Phillibert OP chama de oração a nossa abertura às iniciativas secretas de Deus. Nesse silêncio vulnerável, deixamos que Ele faça coisas novas e inesperadas. Ficamos dispostos a deixar que a novidade do Deus das surpresas nos surpreenda: “Eis que eu faço um mundo novo” (Apocalipse 21, 5).

É este o silêncio que prepara o caminho para a pregação. Inácio de Antioquia disse que a Palavra veio do silêncio do Pai. Era uma palavra forte, decisiva e verdadeira, porque tinha nascido no silêncio. “Ele não foi sim e não; n’Ele, não houve senão sim. Pois todas as promessas feitas por Deus tiveram n’Ele o seu sim” (2 Coríntios 1, 19). Nossas palavras frequentemente carecem de autoridade, porque são sim e não; insinuam e sugerem; estão coloridas com insinuações e ambiguidades; são portadoras de pequenos dardos e ressentimentos.

⁴⁸ WALSHE, vol. I, p.6,

Temos de criar um silêncio no qual se possam conceber e compartilhar palavras verdadeiras.

Como poderíamos redescobrir esse silêncio em nós mesmos e em nossas comunidades? Pela minha experiência, não há outro caminho senão simplesmente tirar um tempo para estar em silêncio na presença de Deus a cada dia (cf. LCO 66, II). É esta a disciplina que busquei e evitei, consegui e deixei escapar desde que entrei na Ordem. Passo a maior parte do tempo pensando em comida e em fax. Para esse silêncio contemplativo, precisamos de ajuda mútua. Precisamos de comunidades que nos ajudem a progredir em um silêncio tranquilo. Um monge budista disse a Merton: “Antes que possas meditar, tens que aprender a não bater as portas com força”. Os que vivem perto de mim sabem que ainda não domino essa arte! Toda a comunidade precisa refletir sobre como pode criar momentos e lugares de silêncio.

Não se trata do silêncio depressivo dos depósitos de cadáveres, que às vezes encontrávamos no passado, um silêncio que exclui os outros. Almejamos um silêncio que nos prepare para a comunicação, não que nos afaste dela. É o confortável silêncio que se produz antes e depois de ter falado, e não o silêncio degradante de quem não tem nada para dizer. Quando eu era criança, meu irmão mais velho e eu frequentemente íamos aos bosques para pegar animais e pássaros. O segredo consistia em aprender a estar juntos em silêncio. Era uma comunhão numa espera compartilhada. Oxalá nós possamos encontrá-la enquanto esperamos juntos a palavra que pode chegar.

3.3 O deserto de morte e ressurreição

Jesus nos chama a ter vida e a tê-la em abundância. Esta é a Boa Nova que pregamos. Mas vimos que, ao responder esse chamado, nos podemos encontrar caminhando para o deserto. Como pregadores da Palavra, podemos descobrir que não temos nenhuma palavra a oferecer, que nada mais tem sentido. Como pregadores do amor de Deus, descobrimos que estamos aflitos, sozinhos e abandonados. Como convidados a encontrar-nos na própria vida de Deus, vamos defrontar com nossa mortalidade. Somos criaturas, não deuses, e temos de morrer. Então, podemos gritar como os israelitas gritaram a Moisés no deserto: “Porventura não havia sepulturas no Egito para nos teres trazido para morrer no deserto?” (Êxodo 14, 11). Então, devemo-nos “manter firmes e não vacilar na nossa vaziez”, confiando em que nos será dada vida.

Como nos podemos apoiar e animar mutuamente ao enfrentar a mortalidade? Em primeiro lugar, devemo-nos estimular mutuamente com a liberdade de Jesus. Sabendo o Filho do homem que devia morrer dirigiu-se para Jerusalém. É uma liberdade que algumas vezes constatei em irmãos e irmãs que davam suas vidas. Anos antes de ser assassinado, Fr. Pierre Claverie, bispo de Orã, tomou o caminho de Jerusalém. Em 1994, disse num sermão: “Militei pelo

diálogo e pela amizade entre os povos, as culturas, as religiões (...). Tudo isso provavelmente merece a morte, e estou disposto a assumir esse risco”⁴⁹.

A liberdade de Jesus diante da morte teve sua culminância na noite antes de morrer, quando tomou o seu corpo e deu-o aos seus discípulos, um gesto de liberdade surpreendente. Isso é o que tempos de fazer juntos frente à mortalidade. Lembro de uma manhã de Páscoa em Blackfriars, celebrando a Eucaristia com um irmão que estava morrendo de câncer. Toda a comunidade estava reunida no quarto dele. Depois, bebemos um champanhe em honra da ressurreição. Lembro da Eucaristia que celebrei com os irmãos e irmãs no Iraque há algumas semanas, esperando o ataque militar que se pensava que ocorreria com certeza. A Eucaristia não deveria ser o centro da nossa vida comum porque nos sentimos unidos, nem para chegar a isso. É o sacramento dessa vida abundante, que é puro dom, o “pão da vida” que Domingos prometeu que encontraríamos na Ordem. Recebemo-lo juntos, oferecendo-nos mutuamente um alimento para o deserto.

Vivemos o sentido da Eucaristia deixando que cada um seja livre, contagiando-nos mutuamente com a incomensurável liberdade de Cristo. Isso pode ocorrer na pequena liberdade do perdão livremente dado ou permitindo-nos romper com algum velho hábito da vida, assumindo um risco. Deixamos o controle da nossa vida. Como escreveu Padre Lacordaire: “Vou aonde Deus me levar, inseguro de mim, mas seguro d’Ele”. De todas essas formas, deixamo-nos levar pela força arrasadora do Espírito que procede do Pai e do Filho, exclamando dentro de nós: “Abbá Pai”. Como diz Eckhart: “Nós não suplicamos, somos suplicados”. Quando entramos na liberdade e espontaneidade, é então que estamos mais vivos. Deixamo-nos envolver pelo movimento, como um bailarino que se deixa tomar pelo ritmo e nele encontra graça e liberdade.

A sabedoria dançava na presença de Deus enquanto criava o mundo. Santo Tomás diz que a contemplação de um sábio é como um jogo, porque é agradável e porque se faz por si mesma. “A seriedade implacável indica uma falta de virtude, porque despreza completamente o lúdico, que é tão necessário para a vida humana quanto o descanso”⁵⁰. A abundância de vida resulta no caráter alegre dos que foram libertados do peso de ser pequenos ídolos. Podemos deixar de lado essa terrível seriedade de quem pensa que carrega sobre os ombros o peso do mundo. Nossas comunidades poderão então ser lugares onde comecemos a conhecer a felicidade do Reino. São Domingos, *nos junte beatiss*, uni-nos aos bem-aventurados, e que possamos vislumbrar sua felicidade já nesta terra.

⁴⁹ P. CLAVERIE, OP, Sermón en la muerte del hno. Henri y de la hna. Paule-Helène, en La Vie Spirituelle, octubre 1997, p. 764.

⁵⁰ H. RAHNER SJ, Der Spielende Mensch, coment. a la Etica a Nicómaco, IV, 1b 854, (Rhem Verly 1949).